

A LISONJA



O ULTIMO ADMIRADOR

CONSULTORIO DE M.^{ME} BENEDICTA

A simples noticia do apparecimento desta revista e dos pontos essenciaes do seu programma, fez convergir para a nossa redacção uma infinidade de cartas, em que futuros leitores nos consultam sobre assumptos de elegancia, de bom gosto, e, especialmente, de hygiene pessoal, tendentes ao embelezamento do corpo e da vida. Vendo nessa correspondencia um appello dos ingenuos á experiencia dos entendidos, resolvemos contractar, immediatamente, uma autor'de em materia de belleza humana, a qual não podia ser senão a conhecida manicura e m'ssagista nacional, D. Benedicta

Maria da Conceição, v'va do saudoso commendador Apollonio Carlos Pimenta e de outros cidadãos mais ou menos conspícuos.

Dona Benedicta, ou Mme. Benedicta, como ella costuma assignar-se, tem uma das carreiras mais brilhantes na elegancia nacional. Antiga cozinheira do visconde de Moraes, ex-lavadeira do sr. senador Antonio Azeredo, engommadeira interina do sr. deputado Celso Bayma, Dona Benedicta chegou á situação actual, de consultora elegante da sociedade carioca, pelo estudo, pelo esforço, e, sobretudo, pela noção expontanea do bem-viver, que lhe tem caracterizado a vida. A sua estréa neste semanario constitue, pois, um acontecimento mundano, que os seus admiradores e a sociedade, em geral, nos hão de agradecer.

Mme. C. S. — O processo que V. Exa. diz seguir para embelezamento da pelle não podia dar outro resultado. Untando o rosto com caldo de mocotó e pondo por cima, depois, uma camada de polvilho, V. Exa. ficará, necessariamente, com a cara grudada para o resto da semana. O que V. Exa. tem a fazer, agora, é comprar um cachorro para lhe lambar o mocotó. Depois, escreva-me.

DR. B. B. B. — O mau cheiro é o peor dote que a mulher póde levar para o casal. Eu não sei, mesmo, o que lhe recomende, para supportar o da sua senhora. O mais viavel é o seguinte: compre um bode, e passe a dormir com elle. Se no fim de quinze dias não sentir mais a catinga do animal, volte a dormir no leito matrimonial, que talvez supporte o de Madame. Ha no Rio, actualmente, seis mil bodes empregados nesse mister, e alguns com grande proveito.

Mme. ABRAHÃO — Não consinta, absolutamente, que seu marido durma com a cabeça para os pés da cama, quando V. Exa. se deitar com a sua para o espelho, isto é, para o lado opposto. Faz muito mal um dormir cheirando o pé do outro.



Mme. NINA LOPES — As mulheres de talento, pouco servem, realmente, a si mesmas. As condições da sociedade ainda são de tal ordem, que as mulheres de letras quasi que só prestam, mesmo, para os homens subirem.

Mme. S. M. — A farinha «Polah» é muito boa, mas não assim. Passando-a pelo corpo inteiro, V. Excia. teria que ficar com a pelle endurecida, como ficou, a ponto de ter que arrancar, um a um, os cabellos da epiderme. Não faça outra vez, porque sae o couro.

Mme. A. J. J. JUNIOR — Se é como diz, o melhor é levar o esposo de V. Excia. ao Ministerio da Agricultura, para mergulhal-o num banheiro carrapatecida. Morre tudo. E' preciso, porém, depois, afastar a creada.

Mme. P. W. Y. — Não acredite que elle não saiba. V. Exa. mesma não disse que elle havia estado em Paris com a missão medica? Entretanto se não tiver pressa, aguarde o regresso do dr. Leão Velloso, que é portador dos ultimos modelos. Com elle V. Exa. poderá aprender até para ensinar.

MAESTRO ELPIDIO PEREIRA — Este trabalho é mesmo que tocar piano: não se póde fazer sem cortar a unha.

DEPUTADO ALVINO ARANTES — O queixo não atrapalha nada, não, senhor. Para isso ha travessieiros especiaes, que facilitam muito o somno de barriga para baixo. O dr. José Accioly, do Ceará, tem um modelo em paina, com um buraco no meio, para accommodar o queixo.

ALVINA — Faz V. Exa. muito bem. Sempre que um remedio lhe pareça venenoso experimente-o primeiro no marido. Os homens são para as mulheres o que são as cobayas para a medicina: só servem para experiencias.

Mme. R. J. P. — E' bom, sempre lavar a bocca antes de dormir. Pode dar formiga.

Mme. Benedicta



A MACA

Director: CONSELHEIRO X. X.

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

A' SOMBRA DA MACIEIRA



A manhã, não obstante a chuva torrencial que desabara durante a noite, e que soncara, sinistra e gorgolejante, por todos desvãos da quinta amedrontada, estava deliciosa. Lavado e verde, o parque assemelhava-se a uma esmeralda enorme, que o sol fazia faiscar. Contentes, ruidosos, passarinhos voavam de fronde em fronde, gritando, pipilando, espanejando-se, completando com os pípiolos, com os gorgeios, com os gritos festivamente assustados, a alegria tumultuosa das cousas.

Animado pela felicidade que ia lá fora, o velho capitalista, que olhava a manhã resplandecente, estendido na sua "chaise-longue" aberta no alpendre da chacara, começou a meditar, embalado por uma suave musica interior, na excellencia maravilhosa da vida. O mundo era, realmente, delicioso. A luz, o vinho, as mulheres, os theatros, as boas eguarias, constituíam, poitivamente, um codimento incomparavel, no preparo deste prato saboroso, que uns comem em vinte annos, antes de ser posto a mesa, e outros em setenta, depois de frio e disputado pelas formigas. E como se sentisse feliz no tumulto macio dos seus pensamentos amaveis, chamou, alto, para dentro:

— Pedro?

Appareceu á porta, mastigando um biscoito, remanescente do saboroso café da familia, um rapazola de desoito annos, calça de flanella clara, camisa e sapato de "tennys", reumando saude por todos os póros.

— Vamos dar um passeio pelo parque? — convidou o ancião.

Momentos depois, amparado, de um lado, ao braço do filho, e de outro, ao bengalão de castão de ouro que sempre lhe acompanhava as excursões de sexagenario, descia o commendador Vidigal a escada que dava para o jardim, mergulhando, com o filho, naquella maravilhoso oceano de verdura.

E andaram. De vez em quando, paravam ao lado de um repuxo, á margem de um córrego enfeitado de leve pela renda fugitiva das espumas, á sombra de uma arvore de larga fronde, fervilhante de pomos ou de passaros irrequietos, até que estacaram sob uma grande macieira, cujos galhos pendiam no alto, carregados de fructos.

— Que belleza! — exclamou o velho, erguendo os olhos empapuçados, a banhar, com o crepusculo delles, o arvoredado todo.

— Vou apanhar umas! — disse o rapaz, abandonando o braço paterno, e atirando-se, tronco acima, em busca dos fru-



A SURPRESA

(DO ARCHIVO DO MEU TIO)



I

Não obstante a seriedade do esposo, D. Amelita não podia compreender a periodicidade daquella enxaqueca, e a insistencia com que elle lhe pedia, com a mão na chave da porta :

— Olha, não me chames, nem deixes que me incomodem. Logo que melhore, eu sahirei. Deixa-me sosinho, socegado, isolado de todos.

E entrava no quarto, fechando-o por dentro.

II

O compartimento da casa para o qual o dr. Abelardo entrava duas, tres, e até quatro vezes por mez, passando ahi toda uma noite, ficava situado nos fundos do predio, ao lado, exactamente, d'aquelle em que dormia a Carmen, hespanholita encantadora e «salerosa», que servia de governante ás quatro creanças do casal. E foi essa circumstancia que accordou no espirito da honesta senhora uma profunda desconfiança d'aquellas crises do marido, as quaes se estavam tornando mais frequentes, a ponto de ficarem quasi semanas.

Certo dia, o illustre advogado entrou em casa, as mãos na cabeça, o rosto pallido, a physionomia revellando abatimento, e, mal mudou a roupa, foi, logo, avisando :

— Olha, Melita, não me chames. Deixa-me á vontade. Logo que isto passe eu sahirei. Antes, não.

E fechou-se por dentro, como de costume.

III

Desconfiada como toda mulher que ama o marido, D. Amelita mordeu o dedinho, despeitada. E poz-se a meditar. Aquella cura de enxaqueca nas visinhanças do quarto da hespanhola estava se tornando, positivamente, um desaforo. E foi com essa con-

vicção que se ergueu da cadeira, ameaçando, os dentes cerrados :

— Deixa estar que tu me pagas!

E batendo com a mão direita, fechada, na outra, aberta :

— Deixa estar !...

IV

A' noite, recolhidos já todos os creados, chamou D. Amelita a governante :

— Carmen !

A hespanhola accorreu, jovem e risonha.

— Onde está seu chapéo ?

— Está alli, minha senhora.

D. Amelita foi buscar, ella propria, o chapéo da rapariga, mandou-a que o puzesse á cabeça, e ordenou :

— Você hoje vae dormir em casa de minha mãe. Não fale a ninguem, aqui. Vá. Venha de manhã.

E levando a mocinha pelas alameadas do jardim, deixou-a na rua, fechando o portão.

V

Despedida a rapariga, correu D. Amelita ao quarto em que ella dormia, vestiu, ás pressas, o camisaõ que estava sob os travesseiros, apagou a luz, e estendeu-se, quieta, na cama. E esperou os acontecimentos.

A's dez horas, o relógio da copa destilou, uma a uma, as suas dez gottas de som, mastigando, como um cavallo á sua brida, o seu confuso turbilhão de ferragens. A's onze, repetiu-se o barulho. E acabava de soar meia-noite, quando um vulto, em ceroulas, empurrou, devargasinho, a porta que dava para o quintal.

A raiva no coração, D. Amelita sentiu impetos de atirar-se, mãos crispadas, á garganta do miseravel. Era preciso, porém, apurar tudo, constatar tudo, e aquietou-se na cama, o rosto coberto, contendo, quasi, a propria respiração.



A Missão dos Velhos



E' grande, na Historia, a lista dos homens que envelheceram embriagados pelos olhos das mulheres, e maior, ainda, a d'aquelles que as mulheres, com os seus olhos, não deixaram envelhecer. Salomão penetrou os batentes da Posteridade como o mais prudente e sabio dos reis. Historiadores que lhe narram a vida, apontam-n'o como tal pelos seus actos de justiça, mais seguros que os que se pautassem pela palavra sagrada dos codigos. A verdade é, porém, que elle chegou tão longe, e attingiu tão alto, pela paixão do corpo feminino, e, principalmente, das cousas encantadoras que celebrou.

A velhice não exclue, jamais, o bomgosto. Pelo contrario. Assim como as fructas se tornam mais doces e appetecidas á medida que amadurecem, os homens aperfeiçoam o prazer, o goso, as cousas deliciosas do mundo na proporção dos seus annos de vida. Quanto mais velho é o côco — affirma o dictado — melhor é o azeite. E' o tempo que depura o vinho, tornando-o mais generoso, mais sadio, mais agradável ao contacto da lingua. E é isso



ctos, que pendiam, no alto, como bolas de ouro, ou de prata, convidativas.

Em cima, fartava-se o moço de maçãs, cortando-lhes a casca rubicunda ou dourada com a navalha dos dentes fortes e jovens, quando, vendo a inveja com que o velho o olhava do chão, convidou, jovial :

— Suba, papae !

O ancião sorriu, triste, como quem ouve, naquella desafio, uma sentença. Passado um instante, abanou a cabeça, desolado :

— Quem me déra, Pedro !

E baixando o rosto, para esconder uma lagrima :

— Na minha idade, meu filho...

E concluindo, á meia voz :

— Não se trepa mais...

X. X.

que se confirma com a publicação deste semanario, dirigido por um ancião que consumiu a mocidade a servir a patria e a admirar os homens illustres, e que resolveu consagrar-se, aos setenta e um annos de idade, á exaltação da Carne e, particularmente, á glorificação do Peixe.

A Historia é um enorme asylo de velhos. Milhões de creaturas tem descido á sepultura com a cabeça encanecida, após uma vida de devotamento, de sacrificios, de renuncias, no supposto proveito da Humanidade. De quantos d'elles, porém, a

Humanidade se lembra? Qual d'elles

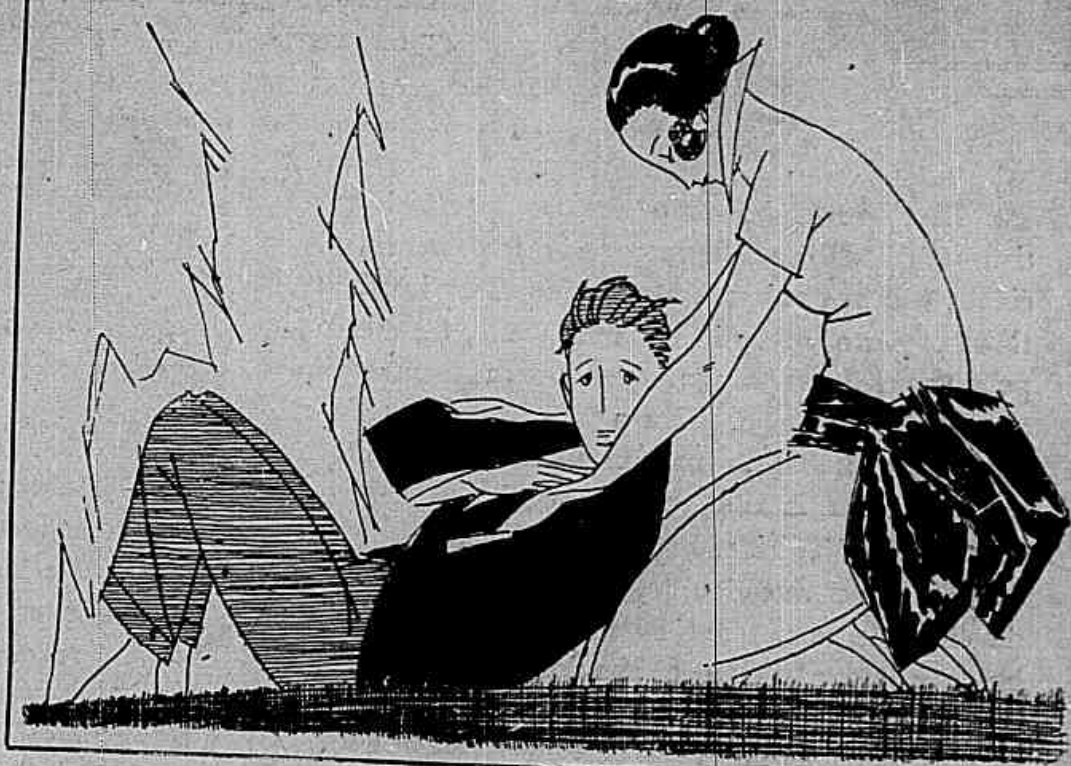
é mais celebre que Anacreonte, cuja velhice foi consagrada, inteira, ao culto do amor e das fontes de que elle jorra? As chronicas do povo de Israel estão povoadas de juizes severos e santos que applicavam, sem um extremecimento nas barbas veneraveis, a letra das taboas da lei. Onde um, entretanto, que tenha sido mais celebrado

do que Achab e Sedecias, os dois anciãos cujo maior feito consistiu em espiar Suzana no banho? Que poeta é mais invocado do que Sophocles, que morreu nũ, como nasceu? E que monarcha mais glorioso do que Egeu, cujos oitenta annos se reaccenderam de paixão peccaminosa ao simples contacto do anel de Medéa ?

A qualidade de homens idosos, que particulariza o director desta revista, votado, em annos tão avançados, a este honestissimo empreendimento, encontra, pois, no passado, precedentes honrosissimos. Pode-se dizer, mesmo, que elle se orienta com a Historia na mão. A vida foi feita para ser gozada, amada, bebida com delicia, como um vinho capitoso. E é na certeza desse destino amavel, que elle vos concita, ó irmãos, a arrancardes da cabeça, com elle, a corôa de espinhos dos martyres, e a substituil-a, semanalmente, se vos approuver, por esta pequena corôa de rosas !

O DEFUNTO

Caliban, cujos contos encantadores fizeram a delicia do Rio de Janeiro de ha vinte annos, é, como se sabe, o pseudonimo, tantas vezes recordado, do nosso mais eminente romancista. Votado ás obras de grande folego, o maravilhoso escriptor abandonou a factura dessas joias literarias, que nos cabe, entretanto, agora, a honra de restaurar, depois de repolidas, para gozo da nova geração, pelas suas mãos gloriosas.



Foi em Dezembro, mez cálido, que elle succumbiu a uma apoplexia fulminante. Tambem só um louco se arrisca a andar ao sol em tempo de tanto ardor e o temerario, mais que ao sol, (e não a um, senão a dois,) expoz-se aos lindos olhos de Madame X.

O resultado não podia ser outro: inteiriçou-se. Pobresinho! Fazia pena vel-o hirto, rigido e com o affluxo de sangue á cabeça até parecia, salvo seja, encapellado com barrete cardinalicio.

—E' morto o grande Pan! suspirou a formosa e languida Mme. X, com os lindos olhos em chammass e o collo em arfadura tempestuosa.

E cuidou-se immediatamente do enterro do grande Pan. O cemiterio ficava na fralda de uma collina branca, como de neve, outrora consagrada a Venus. Não longe avultavam duas outras, tambem niveas, mas de natureza vulcanica, tendo, engastados no cimo, dois monticulos de lava em chammass.

A cova destinada ao infeliz era num valle, alfombrado de herva dourada e recendente. A terra era roxa, terra de fecundidade, disputada a peso de ouro por todos os plantadores.

O morto, que era apenas acompanhado por dois amigos fieis que, na vida, faziam com elle inseparavel trindade, posto á beira do tumulo, na alcatifa dourada, nem esperou que o descessem: resvalou de rebolo, mettendo-se pela cova, a impetos.

Nunca se viu defunto com tanta gana de enterrar-se! Os dois companheiros ficaram debruçados á beira da cova lamentando o passamento infausto.

E olhavam quando se sentiram abalados como por terremoto e viram que a

cova repellia o defunto e que o defunto, em arremettidas furiosas, teimava em enterrar-se, e cada vez mais fundo, até que na luta cançaram os dois: o cemiterio e o morto.

Mas, ó milagre! Que teria acontecido nas entranhas da terra para que o enterrado dellas surgisse como Lazaro, mas tão molle, tão triste, tão acabrunhado que um dos amigos, ao vê-lo, exclamou estarecido:

— Para que tornes da cova e venhas assim para a vida é que viste na morte coisas horribes. Cahiste no inferno, com certeza?

— Que nada! A morte... Morto estou eu agora. Não ha na vida coisa que se compare á morte. Como é bom morrer! Eu, se podesse, tinha uma apoplexia por minuto e mudava-me para um cemiterio.

A cova! que delicia! Ah! não poder a gente morrer a todo o instante... E poz-se a chorar silenciosamente a derradeira lagrima que lhe restava. Por fim, pendendo a cabeça, entre os dois amigos, murmurou commovido:

— Morte, morte de amor, melhor que a vida...

E concluiu, suspirando:

— Quando eu morrer não chorem minha morte.

CALIBAN

Certa vez, em uma pequena roda em que havia senhoras, discutis-se a volubildade feminina.

— O amor da mulher — dizia uma, — é infinitamente mais puro, mais desinteressado que o do homem.

E virando-se para Emilio de Menezes:

— O Sr. não acha?

Ferino como sempre, o poeta levou a mão á bocca, naquelle geito tão seu de amparar o bigode, e protestou, olhos fuzilantes:

— Qual, minha senhora!...

E desatando a rir:

— O amor da mulher é «muito vario» (muito ovario)!...



Nas praias

Um luxo de que os europeus e norte-americanos ainda não se lembraram, foi o dos cães nas suas praias de banho. E, no entanto, é, pelos modos, soberbamente «chic», como se vê em Copacabana, em Ipanema, e, do outro lado da baía, nos alvos areiaes de Icarahy.

O cachorro, nas praias cariocas e fluminenses, cujas primeiras barracas só agora appareceram, tem uma grande e honrosa «micção»: sustentam com o pé, afim de que o vento não as leve, as toalhas dos banhistas, que as deixam abandonadas no areial.

Essa prudencia do cachorro tem, como se sabe, uma origem perfeitamente justificavel. Ha muitos seculos, na infancia quasi do mundo, andava um cão apertado por uma necessidade da sua natureza quando chegou junto a um muro em construcção. E estava a alliviar-se, contente, quando, ou porque o barro amollescesse com a irrigação, ou porque o trabalho estivesse mal feito, veio a parede a baixo, tombando pesadamente sobre o animal.

Esse desastre serviu, entretanto, de ensinamento á familia dos caninos: desse tempo, até hoje, não ha cachorro que, ao ir fazer a sua necessidade junto a um muro, não segure, previdente, a parede com o pé.

O caso do paredão não é, porém, extensivo ás toalhas de Copacabana e de Icarahy. E as Prefeituras do Rio e de Nictheroy fariam muito bem, ou publicando edital nesse sentido, escla-

ALCOVA DOS POETAS

AS PALAVRAS E OS ACTOS

Luctavamos os dois... Ella dizia
Que eu era um bruto, um mau; que era um violento,
Que eu a fazia estar nesse momento
Em verdadeiros transe de agonia.

Mas, apesar de todo o soffrimento
Que a sua voz maguada me annuncia,
Vejo que isso é somente hypocrisia,
Que não passa de simples fingimento.

Tirei-lhe a blusa, as saias, o corpinho.
Faltava o mais difficil: o collete!
Mas ella deu ao corpo um tal geitinho,

Que, embora ás cégas, tonto de dezejós,
Desapertei colchete por colchete...
E a nossa lucta terminou em beijos...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE



recendo a respeito a cachorrada das duas capitães, ou perseguindo-a tenazmente, de modo que ella vá, pelo verão, cumprir a sua nobre «micção» para outra parte.

VI

Como velho conhecedor do terreno, o vulto chegou-se, no escuro, tacteando no vacuo, até que se sentou, sem rumor, sem fazer, sequer, estalar o arame, á beira da cama. Carinhosas, as suas mãos avançaram por baixo do lençol, tacteando os hombros, o collo, os cabellos de D. Amelita, que mal se continha, na sua indignação de esposa trahida. Era preciso, porém, esperar mais, e ella esperou. Tranquillo, como quem opera em região conquistada, o vulto estendeu-se, ao comprido, ao seu lado. Amorosos os seus braços a enlaçaram. Chegaram-se mais, um para o outro. Dois beijos, resvalando pelo

seu rosto mal coberto, perderam-se nos seus cabellos. E soltavam, o vulto e ella, os ultimos suspiros de amor, quando a moça, percebendo que era chegado o momento de apanhar o marido, descobriu o rosto, e falou, com ironia, accentuando as tonalidades da sua voz natural:

— Então, não esperavas me encontrar aqui; não?

— Não, patrão, não esperava, não! — respondeu, serena, uma voz que lhe era conhecida.

D. Amelita deu um pulo da cama, horrorizada.

Era o «chauffeur».

HUMBERTO DE CAMPOS

A LIÇÃO DO PASSADO O DIVORCIO ENTRE OS ROMANOS

(Da HISTORIA ROMANA, de Guiraud)

O celebre orador Hortencio andava entusiasmado com Catão, o Moço. A' força de admirar-o, havia se tornado seu amigo, seu companheiro mais assíduo, e esse contacto habitual lhe inspirou o desejo de unir-se a elle. Não imaginou nada melhor, para esse fim, que lhe pedir em casamento sua filha Porcia, embora estivesse esta casada com Bitulo, com o qual tinha dois filhos. Catão lhe fez observar que Bitulo não concordaria provavelmente em separar-se da esposa. "Mas eu a devolverei sem falta, — contestou Hortencio, — logo que ella me tenha dado um filho, contribuindo para estreitar a minha amizade contigo".

Como Catão persistisse na negativa, Hortencio pediu-lhe, então, sua própria mulher, Marcia. Esta proposta era tanto mais estranha, quando Marcia se encontrava em adeantado estado de gravidez. Catão não recusou, em absoluto, a idéa: respondeu que, por elle, não; mas que a combinação dependia, inteira, de Felipe, seu sogro. Este ultimo não poz, entretanto, obstaculo: deu inteira liberdade a seu genro, o qual cedeu, afinal, sua mulher a Hortencio, firmando com elle contracto.

Hortencio viveu em companhia de Marcia até os seus ultimos momentos: e quando morreu, deixou-lhe sua grande fortuna. O curioso do caso é, porém, que Catão se casou novamente com ella, após o periodo da viuvez. Plutarcho, que o justifica, diz que elle se resolveu a proceder assim porque estava a partir com o exercito de Pompeu, no começo da guerra civil, e carecia de uma pessoa que lhe tomasse conta das filhas. No livro que escreveu contra elle. Cesar lhe diri-

giu, porém, a esse respeito, fortes censuras, accusando-o de haver negociado com a sua esposa por amor ao dinheiro. "Porque, — escrevia elle — cedeu elle a sua mulher, se tinha necessidade della? E se não tinha, porque tornou a tomal-a? A mulher não era mais do que um laço estendido a Hortencio, dando-lh'a jovem para rehavella rica".



Esse facto mostra com que facilidade se divorciavam as gentes nos ultimos tempos da Republica. E o mal não se attenuou sob o Imperio. "Oito maridos em cinco annos — exclama Juvenal, — eis aqui um epitaphio que fica bem a uma tumba!" "Porque — acrescenta — Sertorio tem tanto interesse por Bubila? Em realidade, não é sua mu-

lher, o que elle ama, e sim a cara da sua mulher. Apareçam trez verrugas nas faces de Bibula, torne-se a sua pelle dura e secca, percam os seus dentes o esmalte, diminua-lhe a idade o brilho dos olhos: Arruma a tua bagagem — dir-

lhe-ha elle, — e vae-te! Tu nos aborreces, enxugando frequentemente o nariz. Vae-te! Outra virá de nariz menos humido;" Seneca não é menos violento que Juvenal: "Que mulher se considera humilhada ou offendida hoje ao ser repudiada, se illustres e nobres damas contam os annos, não já pelos consulados, senão pelo numero dos maridos? Divorciam-se para voltar a casar-se, e casam-se para se divorciarem outra vez. Não ha dia em que não se annuncie um divorcio, e já nos habituamos a pratical-o á força de ouvir fallar nelles".

ILLUSÃO DE OPTICA



A DONA DA PENSÃO, espantada — O senhor é que é o Peixeirinha?

Paul Guiraud

NOSSAS E ALHEIAS

Laurindo Rabello, o famoso poeta Lagartixa, era uma das linguas mais irreverentes da cidade, no seu tempo. Medico do Exercito, onde tinha o posto de capitão, passava elle, de manhã, pela praia de Botafogo, quando um escravo lhe appareceu, correndo. Era a Marqueza de Olinda que havia adoecido na rua que tem, hoje, o nome do seu marido, e que precisava dos socorros da Medicina.

O poeta attendeu, e, recebido no aposento da fidalga, esta, que já se achava melhor deliberou zombar d'elle, e simulou uma queixa:

— Ah, doutor, o senhor não imagina! Foi uma noite horri-vel. Passeia-a, toda, do «capitão» para a cama, da cama para o «capitão»; do «capitão» para a cama, da cama para o «capitão»!

Arguto como era, Laurindo comprehendeu a perfidia, que consistia em confundir o seu «posto» com um vaso de uso nocturno, e resolveu vingar-se. Sacudiu a cabeça, desolado, e gemeu, indicando uma cadeira de braços, de nome aristocratico:

— Ah! minha senhora! Commigo succedeu a mesma cousa.

E queixou-se:

— Esta noite passeia-a, toda, assim: da cama para a «marqueza», da «marqueza» para a cama, da cama para a «marqueza», da «marqueza» para a cama!

E olhou-a, num desafio.

Quando da sua passagem por Paris, foi o shah da Persia, cujo serralho era um dos melhores providos da Asia, abordado por certa senhora franceza, em uma das festas no Elyseu.

— Vossa Magestade é casado? — perguntou-lhe a dama.

E o monarcha, promptamente:

— Muito, madame; muito!

Gibbon, autor da *Decadencia do Imperio Romano*, não tinha nariz, quasi não possuia olhos e pouco de bocca; suas duas faces absorviam-lhe quasi que a totalidade do rosto. Estas eram amplas, redondas, e de uma proporção tão prodigiosa que fazia rir a quem o encontrava.

Certo dia, Lanzun levou o historiador inglez á casa de Mme. du Deffant, que, sendo céga, tinha o habito de apalpar o rosto dos personagens que lhe eram apresentados, afim de formar uma idéa dos seus traços. Levado Gibbon á sua presença, tomou a velha dama a apalpar-lhe o rosto quando gritou, de repente:

— Isso, então é brincadeira que se faça?

E pediu agua, para as mãos.

A encantadora senhorita que admira os militares, mandou fazer um vestido de gabardine de seda, imitando no feitiço a farda dos soldados do Exercito. E vestiu-a, um destas tardes, em Copacabana.

— E' linda!... — exclamou, ao vel-a, o Ferreira Braga.

— Malcreado! — protestou a pequena.

E o Braga, justificando-se:

— Malcreado, não. A culpa é da senhora.

— ?...

— Toda «praça» é publica!

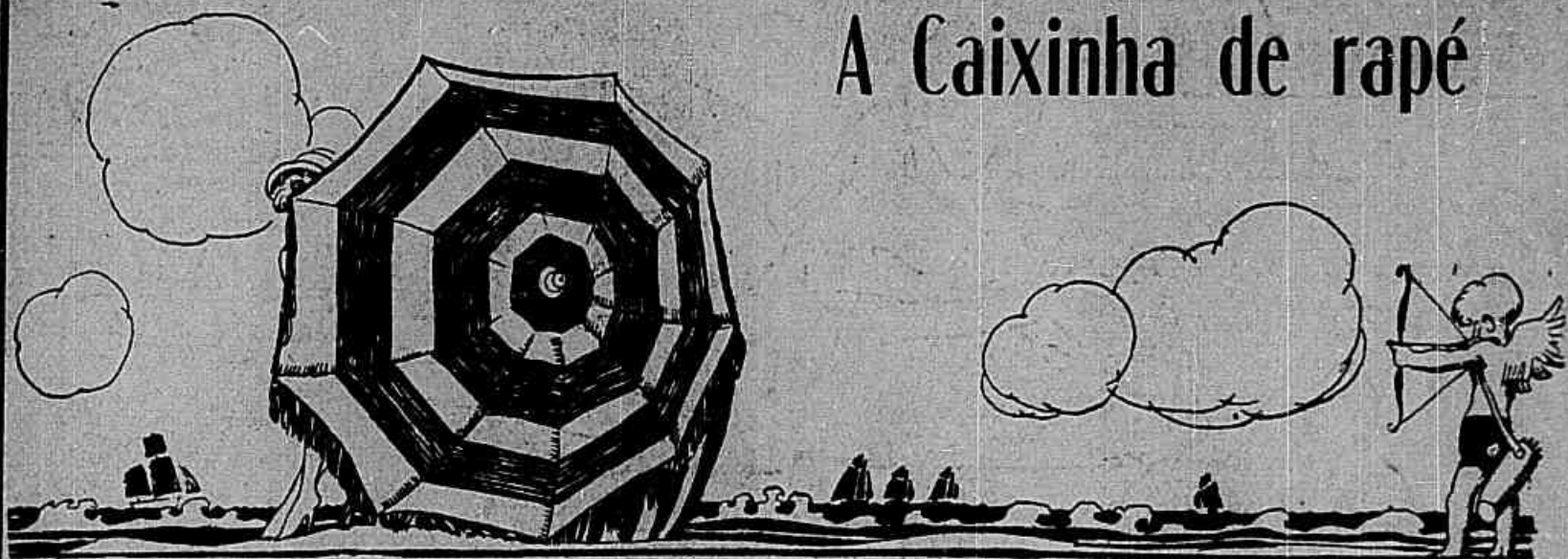
OS POETAS "ILLUSTRADOS"



Bem dita a hora de amor, incomparavel,
Em que a mulher, num extase ineffavel,
Murmura e pede, apaixonada e nua:
— "Dá-me num beijo todos os teus beijos..."
E, entrecortando os ultimos arquejos:
— "Ama-me assim... beija-me assim... sou tua!"

MARTINS FONTES

A Caixinha de rapé



O interior, com seus hábitos rudes, com a sua população inculta, com a sua vida semi-barbara conseguira transformar por completo o genio do Dr. Faustino Malagueta, tornando-o um ser pacato, reflectido, e simples, como qualquer certa nejo nato.

A ida do Dr. Malagueta para o arraial mineiro de Sumbá, prendia-se á construcção da "Estrada de Ferro Sumbá a Sumbá-Mirim", confiada pelo governo, ou melhor pelo Dr. Pires do Rio, suggestionado pelos olhos de Mme. Malagueta, á sua alta capacidade de engenheiro, comprovada, aliás, por um agudissimo estudo de sua autoria, denominado: "*O Signo do Capricornio como base de successos*".

Em Sumbá permaneceu o Dr. Malagueta durante um anno inteiro, sem interrupção de um dia, adquirindo todos os vicios e todas as qualidades do bom summubaense.

O rapé, principalmente, usado em larga escala pelo vigario, encontrou no seu organismo refratario ao cigarro, campo excellent para se transformar no mais poderoso e tremendo de todos os vicios.

Voltando, porém, ao Rio teve elle de se conformar com o pedido da mulher:

— Faustino, eu te peço por tudo quanto ha de mais sagrado, não uses isto, sim?—

E, depois de um beijo, concluindo:

— E' horrivel...

Elle acquiesceu, embora temesse não ser bastante forte para resistir ao habito.

— Pois sim, meu amor, podes até jogar fóra...

E entregou á esposa num gesto de heroica abnegação, a caixinha do seus sonhos, a sua maravilhosa caixa de rapé.

Fatigado pelos arrancos da viagem, cedo ainda deitou-se o Dr. Malagueta.

Um desejo, entretanto, violento, insopitavel, de tomar uma pitada, ainda que minima, do delicioso toxico, manteve-o desperto grande parte da noite.

Aos poucos, porém, sentiu-se invadido pela madorna de um somno reparador. Foi quando a mulher, bondosa como sempre, começou a fallar-lhe com doçura, modulando um convite irresistivel, ao mesmo tempo que lhe apresentava uma caixinha forrada de encarnado, a transbordar de rapé finissimo, delicioso...

— Não queres, Faustino? Toma uma pitadinha. Esse é do bom. Só foi usado pelo dr. Pires do Rio, e olha que elle é ministro!

Toma, Faustino, toma...

Faustino estendeu a mão em direcção á caixa, enfiou nella os dedos indicador e pollegar, fechando-os um contra outro, já no interior da caixinha, mas ao leval-os ao nariz para aspirar o rapé, accordou sobresaltado:— á sua frente, livida, no auge de uma colera inexplicavel, sua esposa invectivava-o com energia:

— Bruto! Bruto!...

MARIA PINTO SOEIRO



Assumptos para o jantar



"Potins" para a sobremesa

A evolução dos hábitos femininos tem sido de tal modo accentuado, que os rapazes de hoje recebem as gentilezas de uma senhora como se as recebessem de um amigo, de um companheiro, de um camarada. Alguns levam, mesmo, essa fraternidade a tal ponto, que chegam a pedir dinheiro emprestado ás damas como se se tratasse de gente do mesmo sexo.

O conhecido «sportman» de origem inglesa, entre cujos feitos se acha a travessia da Guanabara a braçadas de gigante, creou os primeiros cabellos brancos mas não se habituou com semelhantes intimidades. Um destes dias, com o calor da tarde, entrou elle em uma pensão chic da rua Santo Amaro, e poz-se á fresca, para descansar. Refrigerado, preparava-se para vestir-se quando uma das pensionistas lhe tomou as roupas molhadas de suor:

— Vae vestir isto assim?— estranhou a rapariga.

E ante uma confirmação:

— Não, senhor; não admitto. Espere.

Momentos depois voltava a pequena com uma camisa e uma ceroula de seda:

— Toma. Veste estas.

— Como?— estranhou o nosso amigo, offendido.— Eu, vestir camisa dada por você? Não, senhora!

Tomou a sua, molhada de suor:

— Visto a minha mesmo; sabe?

E com dignidade:

— Suada, mas honrada!

Nove horas da manhã. Rua do Ouvidor com reduzido movimento ainda. Subito, pára no canto com a Avenida, em frente á casa Colombo, um taxi, ao lado do qual estaca, riscando, um auto particular.

Do primeiro, risonha, radiosa de mocidade, sae, toda de branco, a mais formosa viuva da cidade. Do outro, o velho jornalista aposentado, famoso pelas suas conquistas e pelos seus charutos. Um signal de cabeça, um sorriso, e lá se fôram, ella, á frente, elle um pouco atraz, caminhando ligeiro, rua abaixo, rumo da Primeiro de Março.

E ninguém maliciou. Ninguém!

Na linda sala de visitas, forradinha de verde, e em que um tapete vermelho abafa, discreto, os passos da gente, a maravilhosa senhora «desempedida» elogiava os homens de seu conhecimento. E commentava:

—A illustração não é que faz os cavalheiros. Ha homens de negocios que são delicados, polidos, encantadores, e sabios que são estupidissimos. Fulano, por exemplo (disse um nome), é um grande espirito, e é insupportavel. E, no entanto, o Visconde de Moraes, que não frequentou Universidades, é incapaz de melindrar uma senhora.

Por essa altura, o poeta Alberto de Oliveira interveio, disfarçando o resentimento:

— A senhora tem razão, Dona (disse o nome); a senhora tem toda a razão.

E perverso, punindo a insolente:

—Os homens não devem ser julgados pelos livros, mas pelas «acções»!

E acariciou o bigode, empinando-o.

Azevedo Amaral é um dos nossos jornalistas mais brilhantes, e de mais espirito. Director de um jornal bem feito, se este não tem grande acceitação a culpa não é, positivamente, sua. E e por isso que elle faz, ás vezes, pilheria sobre o caso.

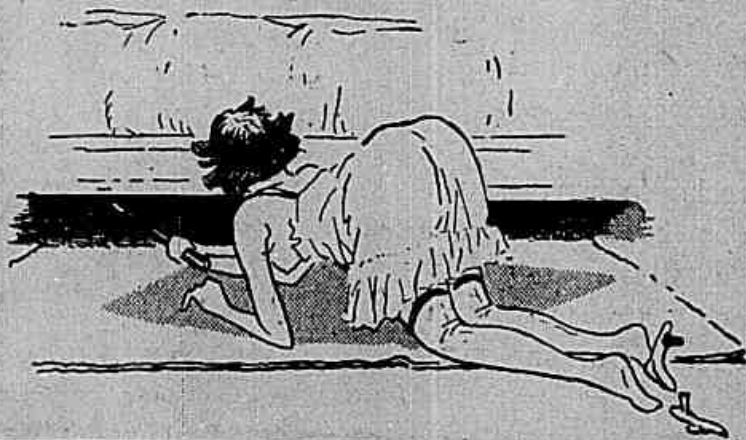
Ha dias, o «reporter» maritimo levou-lhe, entre outras noticias, a de um desastre na bahia. O jornalista leu-a, puxou uma fumaça do charuto, e commentou:

— Parece com o meu jornal, este navio.

O «reporter» fitou-o, espantado, e elle accentuou, grave:

— «Encalha» muito...

E puxou, serio, outra fumaça do «havana».





THEATRO

As "primeiras" da Semana

"A Menina dactylographa"

Comedia de Heitor Modesto
Theatro «CAPITOLIO», Petropolis.

ACTO 2.º

Jardim do palacete do Ministro dos Monopólios, em noite de recepção. Illuminação com pequenas lampadas de côres — mesa e cadeiras de vime. A' direita apparece a varanda do palacete.

SCENA VIª

Rogério (*jornalista, official de gabinete do Dr. João Brandão, Ministro dos Monopólios*)
Carmen (*mulher de João Villas, homem de negócios*).

CARMEN

(*sentando-se junto á mesa e abanando-se*)
Faz muito calor lá dentro...

ROGERIO

(*um pouco afastado — abanando-se com o lenço*)

E aqui fóra, também... A's vezes...

CARMEN

(*olhando Rogério com seducção*)

Sabe?... Fiquei muito satisfeita ao ver o Ministro aproveitar melhor os seus serviços... promovendo-o a chefe do gabinete...

ROGERIO

O Snr. Ministro é um bom homem... A Snra. nem imagina... Um bom homem mesmo... Muito bom homem, mesmo...

CARMEN

E o Snr. é um bom rapaz...

ROGERIO

Lá isso eu sou. Um bom rapaz... Posso dizer sem immodestia. Sou um bom rapaz... Muito bom rapaz mesmo... (*aproxima-se de Carmen, um pouco*)

CARMEN

Sempre prophetisei para o Snr. uma carreira brilhante... Quantas vezes eu disse ao Villas — «Esse rapaz tem de subir...»

ROGERIO

A senhora prophetisa com muita generosidade...

CARMEN

Sou sincera... Acredite... Tenho vontade de vel-o em cima...

ROGERIO

Acredito... Acredito... Mas não tenho pressa... Chegarei... Chegarei... Eu não tenho ambições... Sabe?... Não tenho ambições...

CARMEN

Conto que terá sempre boa vontade connosco... Confiamos no auxilio de sua intelligencia na redacção do contracto do nosso monopólio...

ROGERIO

Pois não!... Pois não!... Primeiro, porem, terei de estudar direito esse contracto para interpretal-o devidamente... Mesmo... lá no jornal... o Director pediu uns esclarecimentos...

CARMEN

Conte commigo para esclarecer esse negocio... (*num gesto de convite*) Venha sentar-se aqui!... Conversemos como bons amigos... O Snr. é tão bomzinho!... Tem um genio tão brando...

ROGERIO

(*sentando-se acanhado, depois de olhar em direcção á varanda*) E seu marido? Também tem genio brando?...

Annaes de Minerva

Cucularia



Lê-se em fr. Luiz de Granada, *Introdução ao Symbolo da Fé*, ed. de 1595, p. 1, pag. 227:

Nem entre as aves, assim como entre os homens, faltam enganar, adúlteros e furtos. Porque do cuco se conta que vai comendo pouco a pouco os ovos de alguma outra ave, e, em lugar delles vai pondo os seus; e desta astúcia auctora elle dous proveitos: um, sustentar-se dos ovos alheios; outro, poupar-se ao trabalho de chocar e criar os seus. E d'aqui resultam dous prejuizos para a ave roubada, que são: matarem-lhe os filhos e encarregar-se da criação dos alheios. E' esta a condição dos ladrões e tyrannos — procuram sempre o seu proveito, mesmo á custa do prejuizo de outrem.

E daquella guisa procediam os latinos do tempo de Plauto, ao que nos o revelam os v. 900 e 911 da *Asinaria*.

Artémone, ao surpreender o velho esposo, Demeneto, no aposento de Philenia, querida de seu filho, Argyrippio, brada com dupla indignação:

At etiam cubat cuculus: surge, amator; i domum.

(Mas, o cuco ainda está deitado: levanta-te amante; vai para casa).

E, depois:

Cano capite te cuculum uxor ex lustris rapit.

(Tua mulher vem arrancar-te deste antro, a ti, cuco de cabellos brancos).

Talvez por observarem superficialmente as visitas das fêmeas dos cucos a ninhos de outros passaros, os franceses inverteram a applicação do vocabulo e communicaram a espanhoes e portuguezes esse erroneo emprego metaphorico.

O quinhentista Gil Vicente metteu um diabo a falar em dialecto picardo, melhor, pretendido tal, no *Auto das Fadas*, *Obras*, ed. de 1852, t. III, pg. 97:

Dime tos xem que tu veus
Fame d'un vilhom cocu.

E deu-nos maliciosa cantiga, dialogada, no final da *Farça de Ignês Pereira*, m.º t., pags. 156-7:

Ignês -- Marido cuco me lev des
E mais duas lousas.

Pero -- Pois assi se fazem as cousas

Ignês -- Bem sabedes vós, marido,
Quinto vós quero;
S'empre foste percebido
Para cervo
Agora vos tomou o demo
Com duas lousas.

Pero -- Pois assi se fazem as cousas. Etc.

A phrase da segunda personagem desta pega satirica, phrase obrigada mediante prévio compromisso, tem o cunho popular do estribilho de concordancia de uma infantil, em voga aqui:

— Fui indo por um caminho,
— Eu tambem.
— Encontrei um passarinho
— Eu tambem.
— Com seu bico de latão,
— Eu tambem.
— Picando um . . .
— Eu tambem.

Já então, na Península Ibérica, os *maridos cucos* distribuiam-se por classes. A prova-o temos um par de exemplos da primeira na ordem:

Cuitado del desposado,

Que és ante-cuco y cornudo.

Juan del Elcina, *Placida y Victoriano*, *Theatro Completo*, ed. da *Real Academia Española*, 1893, pag. 288

E guardae, se lá fordes, não vos caseis logo, porque espero-vos a grande cornudinho ou ante-cuco.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, *Eufrosina*, a. I, sc. VI, ed., cfme. á de 1521.

Com o rodar dos annos dilatou-se a nomenclatura dos infelizes, consoante o attesta, na *Miscellanea*, fr. João de S. Joseph de Queiroz, a quem o marquês de Pombal, muito amigo do Brasil, fez bispo do Grão Pará em 1579.

Refere o douto esmiuçador da vida alheia que Manuel dos Reis Pereira, dando noticia de varias travessuras a João Jacques de Magalhães dividia o universal dos *Esganarelos* (Vid. Molière, *passim*) em «Ante-cuco... cuco... re-cuco... post-cuco...». Supprimimos, por ociosas, as explicações adduzidas parallelamente.

Que é que os monges não sabiam de miudo em historia natural e social!

ALBERTO FARIA

Historia

Tragica

Gil de Laval é um pseudônimo que trahe o autor. Quem não descobrirá, realmente, nesta pagina de malicioso bom humor, o poeta harmonioso, o romanista consagrado, o chronista encantador, o dramaturgo applaudido, uma das figuras mais brilhantes, em summa, da Academia Brasileira de Letras?

— Tenha coragem de morrer, como teve para fazer trucidar tantos heróis na força da mocidade — disse o jovem capitão, mal disfarçando profunda pena pela formosa condemnada.

Ella pousou os olhos limpídos no militar, como se ainda não comprehendesse a terrível significação gaquella visita matinal.

Era exacto que se achava prêsã; que fôra muitas vezes levada a uma sala repleta, onde a interpellavam durante horas e horas, exaustivamente; que as provas se accumulavam contra ella, dia a dia; que negou tudo, sempre a sorrir; e que de pois de escutar cousas tremendas de certos homens severos, que nunca fitaram nos seus olhos acabou por dizer toda a verdade, quasi a chorar...

E que verdade! Dansára para seduzir e arrancar daquelles homens fátuos, ébrios de volúpia, o segredo que no outro dia os levava á morte infallivel pela bayoneta ou pela metralha, permitindo assim que os inimigos da sua patria entrassem nas aldeias para a destruição, para o saque e para o vilipendio.

Déra-se a cada um daquelles guerreiros, como se dão as aranhas, para destruir depois, sem remissão.

Porque afinal pensava em que a posse de seu corpo já seria o premio de felicidade na Terra.

Os que lhe pagaram, vieram simplesmente ao mundo para servir á belleza, fornecendo-lhe estofos e pelles inverosímeis, e mais as joias, os perfumes, os licores!

E como não existia um homem assás opulento que conseguisse encher a medida dos seus caprichos, tomára um Estado inteiro á sua conta, uma nação formidavel para o seu luxo!

E agora ia morrer! Mas, como? Nem ao menos obtivera uma áspide como Cleopatra; um veneno subtil, que lhe não transformasse medonhamente a physionomia!

Estavam alli já a sua espera, para a conduzir a um poste e crivarem-na de balas, quebrando-lhe brutalmente os ossos, ou vazarem-



lhe talvez os olhos como punição aos filtros satânicos que derramaram.

Que horror!

E, assim se revendo mutilada, a prisioneira empalideceu, procurando

do apoiar-se á parede, angustiadamente. O official commovia-se cada vez mais ao divizar-lhe o panico no semblante, até então impassivel, esquecido já de todos os males que aquella mulher espalhára.

E quando se ia voltar para esconder a emoção, sentiu que lhe tocavam na espadua, de mansinho.

Passou-lhe por todo o corpo um arripio, e elle fechou os olhos em vertigem.

Ella, então, chegando-se, disse brandamente:

— Capitão, um pedido, um só, o ultimo...

— Fale.

— Não consintâes em que meu corpo seja maltratado. pelas balas.

— Impossivel, senhora — balbuciou o executante a tremer, a voz velada, julgando-a em delirio.

— Sim, sim, é possivel. Não m'o recuseis; é o ultimo pedido.

O official olhou-lhe os olhos com espanto, tremulo e conturbado.

— Não vêdes como elle é branco e perfeito? — E mostrou-se toda, atirando para o catre o manto de raposa azul, que a envolvia — Vêde-o bem! Nunca os vossos soldados atiraram ao alvo?

E inclinando-se ao ouvido do capitão disse-lhe qualquer cousa, com a voz tão supplicante, que o jovem baixou a cabeça em assentimento. Houve um silencio.

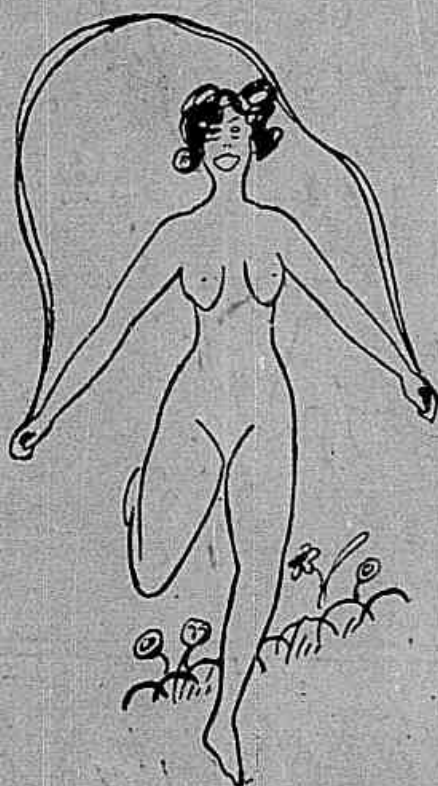
Em pouco um automovel rodou com estrepito para o logar sinistro.

Conduzida ao poste a condemnada, offereceu a sua esplendida nudez á admiração da soldadesca. E sorria! O official deu uma ordem num murmuro: As armas baixaram. Ella ainda enviou um olhar supplicante ao commandante.

— Prompto!

Ao estrallejar da descarga, as pernas vergaram-se-lhe, o busto pendeu, os cabellos desnastraram-se. Quando ao rufo rouquenho dos tambores, o pelotão se apartou, o official chegou-se para o cadaver. O seu ultimo capricho fora satisfeito: nem uma gotta de sangue, nem uma só bala havia perfurado a luminosa brancura daquella tez.

Todos os tiros tinham acertado precisamente no ponto de mira... — GIL DE LAVAL





EXPEDIENTE

A MAÇA

Semanario illustrado

Director: Conselheiro X. X.

Proprietario: Humberto de Campos

Redacção: Rua Sachet, 28.

Estados:

Anno 25\$300

Semestre 13\$000

Numero avulso \$600

Capital:

Numero avulso \$500

» atrasado \$600

Agentes para os Estados:

Livraria Leite Ribeiro

Rua Bethencourt da Silva, 15. 17 e 19

CARMEN

um genio adoravel... Não me encommoda... Nunca me encommudou...

Elle ? !... E muito brando... tambem... Tem

ROGERIO

Não se sabe nunca o genio de um homem... As apparencias illudem... A's vezes na pelle de um cordeiro está um leão...

CARMEN

Elle gosta muito do Snr... Está sempre me dizendo que devemos cultivar a sua amizade... O Snr. é um bom rapaz...

ROGERIO

Um bom rapaz... Lá isso eu digo sem immodestia... Um bom rapaz mesmo...

CARMEN

Por isso é que contamos com a sua boa vontade... junto ao Ministro... para ultimação do nosso contracto... O negocio, como sabe, é muito direito, mas... tem clausulas de difficil redacção... O Snr. é redactor de jornal... deve saber redigir bem...

ROGERIO

V. Ex. exagera o meu merecimento... V. Ex. vale muitissimo mais do que eu, junto ao Ministro... Não tenha duvida... Chega a parecer que está zombando de mim...

CARMEN

Deus me livre!... Estou pedindo sinceramente que nos auxilie... Vá!... (pegando-lhe na mão, sobre a mesa) Não se faça de máo...

ROGERIO

V. Ex. está muito bem com o Snr. Ministro. — Não precisa de meu auxilio... (retirando a mão discretamente) O Snr. Ministro está disposto a

attendel-a... e talvez não goste de ver outra pessoa mettida entre os dois... Isso é muito sério...

Poderia estragar tudo... tudo por agua a baixo...

CARMEN

Qual !... O Ministro é um homem tão brando !...

ROGERIO

Não se fie!... Elle não é como seu marido... Não é tão brando assim. Quando se inflamma vira brandão de verdade... E' capaz de por fogo ao mundo...

CARMEN

Não parece...

ROGERIO

E' que a Snra. nunca o vio se queimando...

CARMEN

Então... não podemos contar com o Snr ?...

ROGERIO

(levantando-se)

No possivel... apenas... Quando o Ministro trata directamente de um negocio dessa natureza... e se dispõe a resolvel-o... applicando as suas luzes... elle não gosta que os outros se mettam a collaborar...

CARMEN

Já vejo que o Snr. não é o homem que eu imaginava... Sempre pensei que fosse um moço mais arrojado...

ROGERIO

Depende... depende... E' preciso estar no meu quarto... de hora...

CARMEN

(levantando-se, com despeito)

Pois tentarei eu mesma... Não imagine que não se possa dispensar a sua collaboração... (outro tom) Ao menos não seja nosso inimigo... (sóbe os degrãos da varanda)

ROGERIO

Oh ! minha senhora!... Eu não sou inimigo de ninguém... Muito menos de V. Ex... Basta V. Ex. gozar da consideração do Snr. Ministro... V. Ex. para mim é sagrada...

CARMEN

(do alto da varanda)

Pois então... até á vista, Snr... José... Rogerio !... (sae)

ROGERIO

Hom'essa!... Esta senhora não está boa!... Trocando até o meu nome... (tira um cigarro e bate com elle na cigarreira) Quem disse que eu me chamava... José...

K.





O Padre Olivio

(Mão olhado)

Veiga Miranda, jovem politico que dirige, hoje, a pasta da Marinha, é, como toda gente sabe, uma das nossas mais brilhantes organizações litterarias. A pagina do Mao olhado que publicamos em seguida, patenteia a vigor do seu estylo e a segurança da sua maravilhosa observação.

A casa jazia em completo silencio e a lethargia da enferma se prolongava. Olivio decidio-se a rezar por ella e começou a desfiar pá-dres-nossos e ave-marias, contando-os pelos dedos, machinalmente, ás dezenas, como no systema metrico. A reza porém, andava por um lado e a imaginação delle por outro, a principio cabriolando atraz dos sacys, caborés e mulas-sem-cabeça, das suas cogitações de criança; depois amollecendo-se, recreando-se em idéas amaveis, a recordar os dias decorridos desde a sua chegada á "Boa Esperança"; e pensando nas primas que deveriam andar pelo pomar, com Ismenia e Bugrinha, ouvindo cantar as escravas.

...Percebeu que dormia, recostado ao espaldar da cadeira baixa, quando Maria Isolina, agitando-se, debatendo-se em convulsões, déra com a cabeça sobre as taboas da cama, fazendo um estrondo forte. Atirava os braços, empinava o busto, colieava como um torso de serpente, estirando-se depois, por momentos, exhausta. Quiz de repente levantar-se, fugir do leito, e já tinha uma das pernas fóra, nua até o joelho, quando Olivio accorreu atarantado, agarrando-lhe os braços, procurando subjugal-a.

Ella resistia, porém, proferindo palavras não intelligiveis, com a physionmia em esgares de pavor, ora erguendo o busto, ora retezando o ventre, com o corpo em arco, apoiada ao leito pelo omoplata e pelos calcanhares. Era uma força herculea, e o padre suava, sentindo-lhe o calor do corpo febril, semi-nú, recebendo na face o seu halito ardente, descompassado.

Quem chegasse repentinamente e visse aquella scena, a sotaina negra debruçada sobre o corpo torcicollante, que se estortegava em esforços para fugir do leito, uma cabeça sobre a outra, o busto delle quasi sobre os seios della, mantendo-lhe abertos os braços, procurando immobilizar-lhe o tronco e as pernas, e respirando forte, ar-

quejante, em haustos, — formaria uma idéa muito differente do que se passava.

Essa hypothese occorreu talvez ao espirito de Olivio que, alarmado tambem pelo receio de que morresse em uma das taes crises, chegou á porta e gritou. Mas a sala estava silenciosa, a casa inteira parecia deserta.

Quando voltou para junto della, achou-a inanimada, cahida para traz, com os braços atirados contra as almofadas, a cabeça, submersa entre os cabellos desfeitos, pendia quasi para fóra do leito, salientando-se a região do thorax, em curvatura descomposta.

Allucinado, vendo-a morta, elle precipitou-se, num accesso de dôr e de ternura, enlaçando-lhe o corpo inerte:

— "Maria Isolina!... Meu Deus!... Meu Deus!... Que é isso, Maria Isolina?..."

Erguida aos braços de Olivio, quasi sentados ambos ao leito, o seu corpo fino e delicado descansou sobre o delle, numa palpação ligeira de ave agonizante. Repousou alguns momentos para logo sacudir-se de novo, numa crise peor do que a anterior. Extendia os braços, agitava as mãos em gestos de appello, ondulava o corpo todo, como em rapidos calafrios. De subito, desgrenhando os cabellos, articulando phrases incoherentes, ella se pôz a sorrir entre visagens de amor, com os olhos scintilantes, impudica e lasciva na sua vesania. Olivio comprehendeu que os desvarios da febre recommçavam, e quiz desprender-se della, deixal-a. Mas os seus braços dir-se-hiam chumbados, e ella continuava a sorrir, a murmurar cousas vagas, premendo-se muito contra elle, erguendo-se para os seus hombros, como se tivesse de se incrustar toda sobre a sua figura. Os braços vigorosos fechavam-se-lhe em torno ao pescoço como se o quizessem estrangular, e elle sentio, pela primeira vez, na sua bocca um beijo de mulher, mas um beijo de delirio e de loucura, satânico, que lhe crestava os labios, que lhe oxydava a lingua.

Repellio-a aterrado, brutalmente, para o fundo do leito, sobre ella atirando ás pressas a colcha de damasco bordado, a sahio, angustiado, resfolegando, com o coração aos saltos e a garganta secca, obcecado pela visão, sob a camisa diaphana, daquelle corpo serpentino, estuante, flexivel, convencido quasi de que o demonio realmente o habitava e assim se servia delle em horas de inconsciencia, para tentações abominaveis, sacrilegas, incestuosas.

VEIGA MIRANDA



Haverá veados no Districto Federal ?



A Inspectoria das Mattas e Jardins é um dos serviços mais inúteis que possuímos. Basta dizer que, funcionando ha vinte annos, ignora ella, em absoluto, os elementos de que se compõe a nossa riqueza florestal, quer em animaes, quer em plantas. E era por isso, com certeza, que ninguem sahia a caçar veados na Tijuca, na Gavea ou em Guaratiba, na supposição de que alli não havia mais essa presa tão cobiçada pelos verdadeiros caçadores. E é essa descoberta que se vae dever ao dr. Manoel Maria Soutello de Almeida, tão conhecido entre nós pela sua vocação venatoria.

Após uma infinidade de excursões nas mattas do Districto Federal, resolveu o dr. Manoel Maria realizar mais uma domingo ultimo, dia, exactamente, em que o coronel Pompilio Dias lhe devia ir á casa, tratar de negocios commerciaes. Madrugada ainda, o bacharel dava mais um beijo na linda esposa adormecida, e partia, acompanhando o curso do rio Trapicheiro. E ao meio-dia substituiu-o, á mesa do almoço, o conhecido e sympathico despachante da Alfandega do Rio de Janeiro, que se poz a distrahir até alta noite, com as suas anedotas

encantadoras, o espirito romanesco de D. Lili.

Segunda-feira, pela madrugada, chegou, em fim, o illustre advogado. Vinha sujo de lama, barba maltratada, phisionomia abatida, com os caracteristicos, em summa, da fadiga, da insomnia, do trabalho excessivo. Não obstante o sono com que vinha, o seu primeiro cuidado foi correr aos aposentos da esposa, e despertá-la:

— Filhinha! Filhinha! Accorda!

— Ah! E's tú? — accordou a moça, estremunhada.

— Sabes o que foi que eu matei no alto da Tijuca?

D. Lili entreabiu um olho, somnolenta:

— Que foi? — indagou.

— Um veado!

— Um veado? E não o trouxeste?

— Não. Era muito grande e como não o pudesse carregar, trouxe, para provar, apenas os chifres.

A moça sorriu, maliciosa. E passando-lhe a mão pela cabeça, amorosa:

— Tolinho! Eu já sabia...

E dormiu, outra vez.



FILHOTADAS

Logar para ella...

Rita, que um bonde demora
Cheio de moços illustres,
Agarrada aos balaustres
Assim um logar implora:
— «Tem logar para senhora?
Se não tem, diga que eu «sarto»...»
Daquella demora forto,
Berra um senhor, furibundo:
— «Tem um aqui no segundo
E tem outro... lá no quarto!»



Vida nova

— «Seus berros não me consomem!»
Grita o Barradas á esposa.
«Eu não sou Manoel de Souza;
Hei de mostrar que sou homem!»

— «Ora o grande contratempo!»
Volve a esposa, decidida.
«Pois se quer mudar de vida,
Olhe que não é sem tempo!»

Pedro Rabello



Primores da nossa lingua

(Pagina d'O PRIMO BAZILIO)

.....
Ao outro dia foi muito pontual. Bazilio veio esperal-a ao fundo da escada; e apenas entraram no quarto, devorando-a de beijos:

— Que me fizeste tu? Desde hontem que estou doido!

Mas Luiza estava muito intrigada com um cesto que via em cima da cama.

— Que é aquillo?

Elle sorriu, levou-a pela mão junto da barra de ferro, e destapando o cesto, com uma cortezia grave:

— Provisões, festins, bachanaes! Não dirás que tens fome!

— E' brilhante! — disse ella, com um sorriso quente, rubra de prazer.

Era um *lunch*. Havia sandwichs, um *pate de foi gras*, fructa, uma garrafa de *champagne* e, envolto em flanela, gelo.

— Foi o que se pôde arranjar, minha querida prima! Já vê que pensei em si!

Pôz o cesto no chão, e vindo para ella com os braços abertos:

— E tu pensaste em mim, meu amor?

Os olhos d'ella responderam — e a pressão apaixonada dos seus braços.

A's tres horas lancharam. Foi delicioso; tinham estendido um guardanapo sobre a cama: a louça tinha a marca do Hotel Central; aquillo parecia a Luiza muito estroina, adoravel, — e ria de sensualidade, fazendo tilintar os pedacinhos de gelo contra o vidro do copo, cheio de *champagne*. Sentia uma feiçidade exuberante que transbordava em gritinhos, em beijos, em toda a sorte de gestos buliçosos. Comia com gula; e eram adoraveis os seus braços nus movendo-se por cima dos pratos.

Nunca achára Bazilio tão bonito; o quarto mesmo parecia-lhe muito aconchegado para aquellas intimidades da paixão; quasi julgava possível viver alli, n'aquelle cacifro, annos, feliz com elle, n'um amor permanente, e *lunchs*

ás tres horas... Tinham as pieguices classicas: mettiã-se bocadinhos na bôcca; ella ria com os seus dentinhos brancos; bebiã pelo mesmo copo, devoravam-se de beijos, — e elle quiz-lhe ensinar a verdadeira maneira de se beber *champagne*. Talvez ella não soubesse!

— Como é? — perguntou Luiza erguendo o copo.

— Não é com o copo! Horror! Ninguém que se preza bebe *champagne* por um copo. O copo é bom para os Collares.

Tomou um go'e de *champagne*, e n'um beijo passou-o para a bôcca d'ella. Luiza riu muito, achou «divino», quiz beber mais assim. Ia-se fazendo vermelha, o olhar luzia-lhe.

Tinha tirado os pratos da cama e sentada á beira do leito, os seus pésinhos calçados n'uma meia côr de rosa pendiam, agitavam-se, emquanto um pouco dobrada sobre si, os cotovêlos sobre o regaço, a cabecinha de lado, tinha em toda a sua pessoa a graça languida d'uma pomba fatigada.

Bazilio olhava-a irresistivel: quem dirá que uma burguezinha podia ter tanto *chic*, tanta *quedê*? Ajoe'hou-se, tomou-lhe os pésinhos entre as mãos, beijou-lh'os; depois, dizendo muito mal das ligas, beijou-lhe respeitosaemente os joelhos; e então fez-lhe baixinho um pedido. Ella córou, sorriu, dizia: não! não! — E quando sahiu do seu delirio tapou o rosto com as mãos, toda escarlate, murmurou reprehensivamente:

— Oh! Bazilio!

Elle torcia o bigode, muito satisfeito. Ensinara-lhe uma sensação nova: tinha-a na mão!



ETHICA — AMOROSA

(Afranio Peixoto)



Embora dono e galan unico do seu serralho, o galo no poleiro não esquece a cortezia. Quando pretende algum favor afectivo de uma de suas companheiras, é de ver-se a attitude atenciosa e solícita que tem para ela. Com breves beliscos na pequenina crista, ou pelo pescoço, tanto tem o ar de catar-lhe algum se-vandilha incomodo, como de fazer-lhe festinhas carinhosas. Ela abaixa o cocuruto, ia dizer talvez ruborizada, compreendendo a que ele em todo o caso dócil, como quer chegar, enquanto o galante abaixa também a cabeça e, lado a lado, miram-se com os seus olhos redondos, sem expressão, talvez com uma expressão bem significativa no galinheiro. Depois, são pios e piados, a meia voz, que serão prosas de amor, certamente veladas, sem ainda toda a comoção silenciosa do desejo, que não se declara mais, porem que sente e se transmite. Chega, finalmente, o convite deste: é a asa arrastada, em meio círculo, junto dela, aos lados dela, como se a quizesse encerrar, presa mimosa, num paréntesis de afeição tácita, á qual não escapará, preludios todos que desculpam e preparam o acto bruto e divino da posse, íntimo e delicioso.

E' excepção rara a agressão inopinada, mesmo entre as grades apertadas de um poleiro, entre um só galo e suas numerosas companheiras, sem os preliminares dessa corte sentimental, que prolonga o prazer intensivo do macho, para o acordo com o prazer extensivo da fêmea.

E' uma lição de moral, ou de ética conjugal, a receber e guardar. Os homens fazem a sua côrte, longa e cheia de peripecias, — todo o lirismo, todo o romantismo da humanidade, escrito e vivido —, de uma vez, em grosso, por atacado, antes do casamento (de mão direita, ou mão

PHRASES CARIOCAS



...E a família não sabe!

esquerda, não importa ao caso), e, depois dela, se julgam quites para sempre. Sempre, que é, por isso, efêmero e transitorio. Impõem o seu desejo a suas companheiras quando as querem, á revelia delas, quando menos os desejam, sem correspondencia, sem disposição, sem a predisposição do sentimento, acordado pelo afaço, que prepara e acende o fogo do amor, o esplendor ardente do amor. Por isso ele é frio, apagado, sem chama, sem brazas, no triste amor do habito, da complacência, do medo, ou da necessidade.

A natureza nos ensina, poleiros, — como as aves, os insectos, todos os brutos que tem a divina razão do instinto, não turvada pela fuligem da intelligencia humana, — são mais naturaes e mais felizes que os lares humanos. Não só a posse definitiva de uma esposa, de uma amante, carece da

côrte propicia que procura a capitulação do consentimento para o enlace, mas cada acto de amor, que para ser glorioso e divino, como o é, se os dois parceiros se exaltam no mesmo fervor, precisa ser desejado, pedido, conseguido, como todos os carinhos que preparam a harmonia do extase.



Disponha-se já S. Pedro a encerrar o expediente d'aquelle dia, quando uma pancada tímida o fez caminhar até a porta.

— Quem é? — bradou o santo, aborrecido com aquella visita tardia.

— Sou eu — de fóra respondeu uma voz tenue, meiga, suave.

— Eu, quem? — retrucou o velho chaveiro, abrindo o "guichet" rasgado a um canto da porta celestial, para os effeitos da primeira inspecção.

— Rosa'ita Pereira. Trago passaportes do Vigario de S. João Baptista da Lagôa.

Pedro, num relance, examinou a creaturinha, que tão bem se fazia annunciar.

Era linda, positivamente linda. Dera-lhe a natureza tudo que, de bello, de delicado, de perfeito, póde uma linda mulher aspirar.

— Passaportes do Vigario de São João Baptista? — disse o chaveiro. — E não serão falsos? Deixa ver.

Correu, rapidamente, os olhos pelo papel, verificou, num momento, a authenticidade do mesmo e sorriu.

— Hum! Tu és esperta! Soubeste enganar o teu Vigario esplendidamente... Mas a mim, meu bem, é que não enganas, ouviste?... Tremu a, confusa, ousou então a moça perguntar:

— Mas, Senhor, porque duvidais de mim? Não estão ahi todos os meus papeis, em ordem?

— Estão — respondeu o velho santo — Não se trata, porém, d'isso. A questão é que tu és bonita de mais para ser verdade o que diz o vigario...

E ironico:

— Tu, morando no Rio de Janeiro, bonita assim, casada com um mundano de nomeada, e honesta?... Absurdo, minha filha, absurdo!...

E fechou, num roimpante, o "guichet", deixando fóra, confundida, envergonhada, maldizendo quasi a sua belleza fatal, a linda portadora dos passaportes do Vigario de S. João Baptista da Lagôa.

JOÃO AUGUSTO



De Bussy - Rabutin

MAXIME

Aimez, mais n'un amour couvert,
Qui ne soit jamais sans mystère:
Ce n'est pas l'amour qui nous perd;
C'est la manière de le faire.

EFFETS DE L'ABSENCE SUR L'AMOUR

L'absence est à l'amour ce qu'est
au feu le vent: Il éteint le petit, il allume le grand.

Tantos pares por aí ha desunidos e atraçoados, por culpa desse cuidado inevitavel, que esqueceram. Conquistaram a felicidade, tão difficil de prender, e tão facil de reter, não a sabem conservar... Por isso andam por aí, nos braços uns das outras, a procura-la, presa um instante, esquivia e fugidia sempre...

Afranio Peixoto

O PRIMEIRO DESGOSTO



ADÃO — Esta mulher é a minha ruína! Em um mez, trinta folhas de parreira!...

"A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil"

Sociedade de Seguros sobre a vida

Sede social: Avenida Rio Branco, 125 — Rio de Janeiro

Relação das apolices sorteáveis em dinheiro, em vida do segurado

62.º sorteio — 16 de Janeiro de 1922

114.375—Joaquim Sans Alberto	Livramento R. G. do Sul	90.117—Artidoro Flexa	Idem, idem, idem
84.375—Bento Giordano Oliveira	Itajahy — Santa Catharina	112.186—Epaninondas da Gosta Mattos	Tombos—Idem
96.372—Oscar Baptista Leite .	Fortaleza Ceará	119.003—João Dionysio	S. Paulo--S. Paulo
(1) 94.558—Manoel Pacheco Ramalho	Maceió—Alagôas	117.764—Jairo Bueno de Camargo	S. Paulo-S. Paulo
84.232—Alexandre Konri Fara	Xapury—Alto-Acre	111.444—Zagatti Nicola	Idem — Idem
98.146—José Boavista e esposa	Caxias — Maranhão	111.787—Alberto de Arruda Camargo	Ribeirão Preto, Idem
81.775—Alberto Teixeira Ribeiro	S. Salvador-Bahia	118.752—Mario Pontual de Petrolina	S. Paulo-S. Paulo
44.757—Bernardino de Oliveira Pinto	Canavieiras—Bahia	117.507—Francisco Fortes	Idem — Idem
109.680—Osorio Bersot	Conceição Maca- bú—E. do Rio	116.123—João Toschi	Idem — Idem
115.509—Julião Jorge Nogueira	Campos-E.do Rio	109.015—Francisca Pereira dos Santos	Capital Federal
118.476—João Durado da Costa Azevedo	Ipojuca—Pernambuco	(2) 117.253—Antonio Bertulli	" "
117.550—Manuel Joaquim de Farias	F. dos Leões—Idem	(3) 114.358—Isidro Marba	" "
108.870—José Cavalcanti dos S. Araujo	Recife—Idem	(4) 113.494—Quintino de Souza ...	" "
115.992—Custodio Pinto Coelho	Bello Horizonte, Minas	95.323—Jonathas Archangelo de S. Serrano	" "
		112.301—Americo Warnick. ...	" "
		88.054—Dr. Corolino de Miranda Corrêa.	" "
		104.645—Astolpho Vieirade Rezende	" "
		112.425—Er. Raul Machado Bitencourt	" "

(10) O Sr. Manoel Pacheco Ramalho teve a sua apolice n. 106.312 sorteada em 15 de Abril de 1920.

(20) O Sr. Antonio Bertulli teve esta mesma apolice sorteada em 15 de Outubro do anno proximo passado.

(30) O Sr. Isidro Marba teve a sua apolice n. 90.247 sorteada em 15 de Abril de 1913.

(40) O Sr. Quintinho de Souza tambem teve esta mesma apolice sorteada em 15 de Janeiro e 15 de Julho do anno findo.

NOTA — «A EQUITATIVA» tem sorteado até esta data 1.659 apolices no valor de 7.163.590\$000, importancia paga EM DINHEIRO aos respectivos segurados, continuando as mesmas apolices em vigor, com direito aos sorteios ultteriores, de conformidade com as clausulas de contracto de seguro.

EPIGRAMMAS BRASILEIROS

VINGANÇA

— Para que, céos desposei
Homem tão desenchavido?
Logo não vi que um pandorgas
Não servia p'ra marido?

— Minha Eva, é só a raiva
Que te fez guinchar assim:
Se acaso eu fosse pandorgas
Não te agradavas de mim.

— Não se ufane por ter sido
O alvo do meu amor;
Todos sabem que a mulher
Pega sempre no peor!

Joaquim Manoel de Macedo



O SABIO

P. — Ouvi dizer que da Europa
Voltaste feito doutor?

R. — Parece-te isto impossível?
E' verdade, sim, senhor!

P. — E' por que Academia?
E qual a sciencia, então?

R. — Isso não sei; o diploma
E' escripto em allemão.

Gonçalves de Magalhães

TYPOGRAPHIA		LITHOGRAPHIA
Execução perfeita e rápida		
HOEPFNER & Co., Ltd.		
SECÇÃO GRAPHICA		
AVENIDA MEM DE SÁ, 236-240		
Telep. Central 378 RIO DE JANEIRO		
RELEVGRAPHIA		ENCADERNAÇÃO

BOM GOSTO

— Que pressa é essa, homem de Deus?
— Estou acabando de devorar a "Maça"
para me deliciar com o ultimo numero do "Ca-rioca"!

MINHA SENHORA — Como vão as creanças, bem?

Queira examinar a variedade e o preço das roupinhas expostas nas vitrines d'O Pavilhão, Ouvidor 108.

FARINHA	
Lactea Phosphatada	
INGESTA	
SILVA ARAUJO	
Torna as crianças sadias e robuste os debilitados.	